CONVERSAÇÃO E INTERAÇÃO FACE A FACE

META

Apresentar o conceito de conversação, as relações entre o texto oral e o escrito e o conceito de retextualização.

OBJETIVO

Ao final desta aula o aluno deverá:
reconhecer o conceito de conversação, fazer as relações entre o texto oral e o escrito e o conceito e atividades de retextualização.

PRÉ-REQUISITOS

Conhecimento prévio sobre os conceitos de texto, de discurso, de atos de fala.
Modelo de processamento de informação textual.
Modalidades de coesão textual.

Nesta aula, você verá a distinção entre a linguagem falada e a escrita, com o objetivo de caracterizar a conversação como um texto oral. Verá também a organização da conversação, o que lhe confere especificidade em relação a textos escritos.

INTRODUÇÃO

Depois, aprenderá os processos de retextualização e sua importância na passagem do texto oral para escrito.

(Fonte: http://chicasenuruguay.files.wordpress.com).

CONVERSAÇÃO E INTERAÇÃO

Se formalizamos nosso pensamento em língua por meio de textos, e se eles são construídos em situações de interação social, a conversação pode ser considerada a forma mais corriqueira de organização da atividade de linguagem.

Em sentido amplo, o termo "conversação" abrange não só todos os eventos de comunicação cotidiana, mas também aqueles que ocorrem em espaços institucionais, tais como escolas, hospitais, tribunais, agências financeiras, igrejas, etc.

Há diferenças entre a linguagem falada e a escrita, porém elas constituem duas modalidades de um mesmo contínuo, pois sabemos que há uma escrita informal que se aproxima da fala e uma fala formal que se aproxima da escrita, dependendo do tipo de situação comunicativa. Podemos afirmar que a escrita formal e a fala informal constituem os pólos opostos do contínuo. Ao longo dele situam-se os diversos tipos de interação verbal.

Koch (1997) destaca algumas características próprias da interação face a face, construída na conversação:

1. é relativamente não planejável de antemão, porque se desenvolve diretamente entre dois ou mais participantes, que estão face a face. Nesse sentido, ela é localmente planejada, isto é, planejada a cada turno de fala dos participantes.
2. o texto falado se apresenta sempre em construção, isto é, pondo à mostra todo o processo de sua criação;
3. o fluxo informacional é freqüentemente descontínuo, porque os falantes podem fazer digressões;
4. o texto falado apresenta uma sintaxe característica, sem contudo deixar de obedecer a sintaxe geral da língua.

Em outras palavras, o texto falado é o seu próprio rascunho e também resulta de uma *co-produção* discursiva, visto que os interlocutores estão empenhados na produção do texto.

Nas interações face a face, temos que considerar também as interferências de ordem pragmática que acabam por sobrepor-se às exigências da sintaxe. Isto significa que o locutor freqüentemente se vê obrigado a alterar a sintaxe em favor das necessidades da

interação. Tais mudanças ocorrem pelos falsos começos ou hesitações, anacolutos, orações truncadas, repetições, paráfrases, etc.

ORGANIZAÇÃO GERAL DA CONVERSAÇÃO

A conversação organiza-se em *turnos*, que consistem em cada intervenção de um dos participantes no decorrer da interação.

Quanto aos graus de simetria, as conversas do dia-a-dia são *simétricas*, já que todos os participantes têm igual direito ao uso da palavra. As entrevistas, consultas, palestras são *assimétricas*, visto que um dos parceiros detém o poder da palavra e a distribui de acordo com a sua vontade.

Devemos salientar que, mesmo nas conversas do dia-a-dia, não é possível tomar a palavra a qualquer momento. Os interlocutores podem assumir o turno nos chamados espaços de transição, que se caracterizam por determinadas marcas, como o silêncio ou pausas mais longas do detentor do turno, entonação característica, gestos, olhar, sinais de entrega de turno: então? que acha? de acordo?, etc.

Constituem pares adjacentes conjuntos de dois turnos em que a produção do primeiro membro acarreta a do segundo. É o caso dos pares "pergunta-resposta", "saudação-saudação", "cumprimento-agradecimento", etc.

É importante frisar que, numa conversação, os interlocutores podem assumir papéis sociais distintos, caracterizados por relações de poder que podem representar diferenças sociais, econômicas, culturais, étnicas ou um embate ou confronto de forças que se configuram circunstancialmente nos diversos eventos do dia-a-dia.

RETEXTUALIZAÇÃO

A passagem da fala para a escrita não se dá naturalmente no plano dos processos de textualização, mas de retextualização. Trata-se de um procedimento cujas operações são complexas, pois interferem tanto no código quanto no sentido. A passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem, mas de uma ordem para outra.

Assim, a retextualização não é, no plano da cognição, uma atividade de transformar um suposto pensamento concreto em um suposto pensamento abstrato. Atividades de retextualização são rotinas automatizadas, já que lidamos com elas o tempo todo nas reformulações dos textos, numa complexa variação de registros, gêneros textuais, níveis lingüísticos e estilos.

Marcuschi (2001) apresenta as seguintes possibilidades de retextualização:

1. Fala → Escrita (entrevista oral → entrevista impressa);
2. Fala → Escrita (conferência → tradução simultânea);
3. Escrita → Fala (texto escrito → exposição oral);
4. Escrita → Fala (texto escrito → resumo escrito).

Em linhas gerais, os procedimentos envolvidos nos processos de retextualização da fala para a escrita são sete:

1. Eliminação: supressão de marcas estritamente interacionais, hesitações, partes de palavras, repetições, reduplicações, redundâncias, paráfrases, etc.;
2. Inserção: inclusão de pontuação, fornecida pela entoação das falas e pela paragrafação;
3. Reformulação: introdução de marcas metalingüísticas para referenciação de ações e verbalização de contextos expressos por dêiticos;
4. Reconstrução: remodelagem de estruturas truncadas, concordâncias, reordenação sintática, encadeamentos, etc., em função da norma escrita;

Gêneros textuais

Realizações lingüísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas. Em outros termos, constituem textos empiricamente realizados, cumprindo funções em situações comunicativas. Exemplos: telefonema, sermão, cartas, romance, bilhetes, aula expositiva, bula de remédio etc. (MARCUSCHI, 2002)

(Fonte: http://www.sindtten.org.br).

5. Substituição: mudança de estilo pela seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções léxicas, em função do grau de formalidade;
6. Estruturação argumentativa: reordenação dos tópicos textuais para organizar a seqüência argumentativa;
7. Condensação: agrupamento de argumentos.

Observe o exemplo extraído da obra de Marcuschi (2001), em que um juiz faz um interrogatório (oral) e, logo em seguida, faz uma consignação (escrita) ao escrivão:

(o juiz dirige-se ao depoente (D) e indaga a respeito dos fatos ocorridos no dia do crime)

Juiz – o senhor assistiu a esse crime?

Depoente – não eu estava lá né... assisti ah: só o tumulto

Juiz – como é?

Depoente – vi só a: : o tumulto

Juiz – viu só o tumulto?

Depoente – só

RETEXTUALIZAÇÃO DA PASSAGEM REALIZADA PELO JUIZ AO ESCRIVÃO

Que o depoente estava nas proximidades do local da ocorrência, mas não viu quando o crime foi praticado, que o depoente viu apenas o tumulto.

Retomada do mesmo interrogatório

Juiz – (virando-se para o depoente) depois do crime passado...depois do crime qual foi o comentário feito na localidade?

Depoente – bem assim me falaram que: :/ eu nem sei eu num tava lá né então....bateram numa garrafa e ele (olha para o acusado presente) e voltou e pediu desculpa então...três ou quatro talvez até mais aí começou a espancar né...

Juiz – espancar quem?

Depoente – (diz o nome do acusado)

Juiz – sim

Depoente – então ele tentou correr.... Mas só que muita gente

Juiz – sim

Depoente – aquela agitação toda... Só

Retextualização da passagem realizada pelo juiz ao escrivão

Que segundo informações dadas ao depoente através de terceiros, tudo começou por ter o acusado Fulano (nome) batido em uma garrafa, o que desagradou.

Como a situação estava confusa, o juiz retoma o depoimento para depois consignar:

Juiz – quem foi que achou ruim... A vítima, o grupo que estava com a vítima ou como foi? (virando-se para o depoente)

Depoente – como assim?

Juiz – quem foi que achou ruim tivesse que o Cicrano / o Fulano (acusado) bateu com a/bateu na garrafa?

Depoente – não assim que o comentário surgiu que/

Juiz - sim sim.

Depoente – aconteceu por causa dessa garrafa

Juiz – ele bateu na garrafa que estava/ Fulano (acusado) estava...o Cicrano ((vítima)) ou como é que estava isso?

Depoente – não/ a garrafa era do: : do rapaz né então quando

ele bateu ele voltou e pediu desculpa... Aí não aceitaram e começaram a espancar ele então/

Retextualização da passagem realizada pelo juiz ao escrivão

A vítima e o grupo de pessoas que com ela estavam, que por isto a vítima e os demais acompanhantes da mesma passaram a agredir fisicamente Fulano (acusado).

Finalmente, neste terceiro movimento, o juiz consegue esclarecer o caso:

Juiz – Fulano (acusado) já estava armado com o gargalo de garrafa, quando começou a apanhar dos/da vítima e dos companheiros dela?

Depoente – não... Assim me falaram que ele não estava armado não.

Juiz – sim

Depoente – justamente quando começaram espancar a: única coisa que ele tinha em mãos foi o/realmente foi a garrafa que já tinha se quebrado

RETEXTUALIZAÇÃO DA PASSAGEM REALIZADA PELO JUIZ AO ESCRIVÃO

Que segundo informaram ainda ao depoente o acusado Fulano está desarmado, quando foi espancado pela vítima e seus companheiros, que o acusado ante a ação dos seus agressores armou-se com um gargalo de garrafa e feriu a vítima.

Este conjunto de exemplos seqüenciados mostra como o juiz retextualiza uma entrevista assimétrica, na qual ele é o principal interlocutor, para um texto monológico com total eliminação de turnos.

CONCLUSÃO

O texto oral também apresenta sua especificidade. Essa modalidade da língua tem assumido respeitável interesse dos pesquisadores das ciências da linguagem, sobretudo pelo advento dos *chats* ou conversações virtuais. Você já observou que o uso da linguagem nesses espaços é muito diferente da escrita convencional? Seria interessante que você realizasse a retextualização de *chats,* não é mesmo?

RESUMO

Nessa aula, você teve a oportunidade de aprender que as diferenças entre o oral e o escrito não são dicotômicas, mas graduais e pertencentes ao mesmo contínuo. A conversação é uma prática oral em que os falantes se encontram em interação face a face, caracterizando-se como co-produtores desse evento discursivo.
Você também aprendeu as formas de organização como turnos, pares adjacentes, etc., e que os interlocutores podem assumir papéis sociais distintos, caracterizados por relações de poder que podem representar diferenças sociais, econômicas, culturais ou étnicas.
Finalmente, pôde perceber a importância das atividades de retextualização.

ATIVIDADES

Retextualize o seguinte trecho oral para um relato escrito formal:

E capotou. Quer dizer, a frente do carro dele pegou no primeiro carro: e o segundo ele ficou debruçadinho assim, saca? Que gracinha! Aí né chegaram: "Ô num sei que num sei que lá qué que houve?" Viraram o carro né "Cê ta legal, aí? Ô tudo bem, tudo bem. Cara barbeiro da porra!" num sei o que. Aí: "Ói ajuda a desvirar o carro aí". Desviraram o carro né, e pá, aí ele falou: "Pô, deixa eu vê se não afetou o motor, né" Ligou o carro né, o carro vruuuuuuuuuuuumm pegou e ele tchibuuuuuuuuuuummm queimou o chão pôs o pé no mundo e foi embora.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Retextualize o trecho selecionado identificando as sete operações vistas nesta aula.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **A estética da criação verbal.** Tradução: Michel Lahud e Yara F. Vieira. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

KOCH, Ingedore G. V. **A inter-ação pela linguagem.** 3 ed. São Paulo: Contexto, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

__________. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: